

vida em que é preciso deixar as coisas boas para fazer as melhores. Em nosso caso, a presença de Jesus e as suas palavras merecem uma atenção e uma consagração do tempo que superam de longe todos os esforços da hospitalidade e de “fazer boa figura”. Coisas certamente boas, como Jesus o reconhece, mas inferiores em valor às “melhores”. As palavras que Jesus dirige a Marta são uma advertência a não se deixar absorver por uma atividade excessiva, frenética, falsa, que ignora ou encurta os momentos de oração, que impede de ouvir a voz de Deus que fala no silêncio. Caso contrário, a própria atividade, a longo prazo, corrói-se e perde seu vigor.

Vale a pena reivindicar o valor pedagógico e ascético do silêncio. O nosso tempo, em particular, parece ter perdido seja o gosto, seja a capacidade de espaços interiores de liberdade, que permitem o florescer de pensamentos e de ideais. Pretendemos certamente o silêncio enriquecedor, positivo, não aquele “emburrado”, característico de rupturas. Sobre o valor do verdadeiro silêncio interior recomendava Santo Agostinho: “Dentro de ti está a verdade. Não queiras sair, mas retorna a ti mesmo”. Poderíamos continuar com uma nutrida série de citações, limitamo-nos a algumas: “O silêncio é a noite escura da palavra, mas nessa noite toda palavra germina. Escuta atentamente o teu interior e falarás. Escuta-o ainda mais intensamente e o escutarás sem falar” (M. F. Sciacca). “A única linguagem que Deus escuta é o silêncio do amor” (São João da Cruz). “O silêncio não é uma fuga, mas o recolher-se de nós mesmos na cavidade de Deus” (M. Delbrêl). “A esta realidade íntima — Deus e ‘eu’ — não se chega falando, mas somente calando. Quando nos recolhemos, o espaço interior abre-se e a divina Presença pode-se anunciar” (R. Guardini). “Fica em silêncio ou aprende a dizer coisas que valem mais que o silêncio” (Pitágoras). “As grandes verdades comunicam-se somente através do silêncio” (Paul Claudel). “O silêncio é o coração à escuta” (M. Magrassi).

Esta última citação introduz a explicação de Maria que es-

colheu a melhor parte: pôs-se à escuta de Jesus. Poder-se-ia ler como filigrana o texto de Nm 18,20 (cf. Sl 46), no qual se diz que Deus é a herança do que crê. Maria não é apresentada como uma parasita: amor a Deus e amor ao próximo são duas realidades complementares, como Lucas deixa entender colocando o nosso episódio depois da parábola do Bom Samaritano. São os tempos das intervenções concretas, são aqueles da espera e de exclusiva escuta da Palavra de Deus. Somente uma ação feita em união com Deus e só uma pessoa com Deus que pratica a caridade são verdadeiramente algo de completo, de perfeito.

O louvor dado a Maria não significa que Jesus exija de todos um estado de contemplação pura, coisa que contradiria o exemplo dado por Jesus mesmo. Ele louva antes a presteza e a vigilância do espírito, o ser total e exclusivamente do Senhor na hora em que fala de modo particular. O ideal é o do “contemplativo na ação”, portanto aquela união com Deus e serviço aos homens como efetivo serviço a Deus. Isso é possível somente a quem sabe reservar-se totalmente a Deus nas horas de oração, para estar depois totalmente a serviço dos irmãos. Assim fez Jesus. Assim deve comportar-se quem o quer seguir.

Com este pequeno e singular quadro, Lucas recorda o comportamento “feminista” de Jesus, que restitui à mulher sua igualdade perdida, promove-a ao lado do homem, à possibilidade de escutá-lo. Escutá-lo é a premissa para poder viver aquela novidade que anuncia. Maria de Betânia é a ilustre representante de todas aquelas mulheres que se põem com disponibilidade à escuta do Senhor e com louvável generosidade atualizam os seus ensinamentos.

Com as palavras de Jesus é valorizado o papel feminino, muitas vezes pensado como uma moldura do papel masculino. Jesus superou o tabu do tempo, promovendo Maria à condição de discípula e a apresenta como exemplo de ouvinte do Senhor.

Do texto à vida

1. Sou capaz, como Marta, de um amor concreto e operoso, capaz de atuar em favor dos outros? Estou convencido de que Maria exerce um papel importante e de que não é censurada por aquilo que faz?
2. Ao lado do necessário e devido empenho concreto (veja Marta), coloca-se o momento contemplativo. Sou capaz de interromper um trabalho externo, para interrogar-me sobre seu valor para a vida e para fazer uma revisão do que sou e do que estou fazendo? Sou capaz de examinar-me em profundidade, para discernir minha correspondência à palavra e à vontade de Deus?
3. Amo o silêncio interior como espaço de liberdade e como respiração interior? Ou tenho medo, talvez inconscientemente, de encontrar-me comigo mesmo e me refugio no barulho e na dissipação?
4. Como reajo quando sinto qualquer tolo dizer que as mulheres valem menos que os homens, que são menos inteligentes ou idiotices desse tipo? Se homem, sou capaz de reagir com doçura, mas absolutamente com firmeza para desmontar lugares-comuns, sem fundamento algum? Positivamente estou atento a aprender da intuição feminina? Lembro-me de algum exemplo?

V

A VERDADEIRA BEATITUDE

(Lc 11,27-28)

O trecho apresenta um agradável intermezzo na pregação de Jesus. Uma mulher do povo clama sua admirável complacência para com a mãe de Jesus e este responde aceitando e corrigindo.

O pequeno quadro, de agradável sabor familiar, esconde mais riqueza do que possa parecer à primeira vista. Se normalmente os homens levavam vantagens sobre as mulheres e estas precisavam ser “reabilitadas”, no presente caso se dá o contrário e parece certo que sejam os homens a encontrarem-se em uma situação de inferioridade. Com sua resposta Jesus reapresenta, para lá das leis e das condições da natureza, a substancial igualdade entre homens e mulheres e a necessidade para ambos de relacionar-se corretamente com Deus. E, portanto, a referência a Deus que fundamenta e garante a substancial igualdade e a dignidade comum entre o homem e a mulher.

O texto

²⁷Enquanto assim falava, uma mulher do meio da multidão levantou a voz e disse: “Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!” ²⁸Mas Jesus disse: “Felizes antes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.

Breve comentário

Jesus está pregando e suas palavras despertam sempre admirada atenção, como é registrado desde o início de sua atividade: “Jesus voltou à Galiléia com a força do Espírito Santo e sua fama espalhou-se por toda a região; ensinava nas sinagogas e todos lhe tributavam grandes louvores” (4,14-15). A mulher anônima não é uma exceção. Pode-se admirar nela uma mulher corajosa e sem preconceitos de interromper o Mestre para dirigir-lhe a sua complacente admiração. Ela lhe clama: “Feliz o ventre que te carregou e os seios que te amamentaram” (v. 27). As suas palavras manifestam o típico modo de pensar judaico e palestinese. Pretende-se exaltar o filho, partindo do louvor à mãe. A felicidade e a honra da mãe estavam no filho que gerou, sobretudo se o filho era famoso. A beatitude envolve também a mãe, apresentando os elementos portadores de vida, aqueles elementos pelos quais uma mulher é mãe: o ventre que carrega o menino e o seio que o amamenta.

Jesus acolhe a agradável provocação e aceita o cumprimento. Ao mesmo tempo ajuda essa mulher a uma leitura mais profunda da realidade. Na sua resposta reapresenta aqueles “bem-aventurados”, quase a recordar que ser feliz é a última meta da vida e a marca de todos os esforços. Acrescenta logo um “antes” que vale como aceitação parcial da frase precedente, válida em realidade em “bem-aventurados”.

O termo grego *menoun*, traduzido como “antes”, às vezes confirma e às vezes retifica o conteúdo precedente. Jesus não

confirma por que passa de uma ordem para outra. Ele de fato retifica. Na sua resposta Jesus oferece uma orientação nova, mais profunda e mais verdadeira, porque repele uma valorização honorífica que se apóia sobre o relacionamento natural com a sua pessoa, o fato generativo. Merecem ser chamados bem-aventurados em pleno direito aqueles que escutam a palavra de Deus e a observam. O parentesco carnal é um fato natural, biológico e por isso é de muito inferior ao esforço no empenhar-se para acolher e viver a vontade de Deus.

Já no trecho de 8,19-21, Jesus havia feito uma correção, identificando como sua mãe e irmãos aqueles que escutam a palavra de Deus e a põem em prática. Quando fala do novo ordenamento do reino de Deus, os laços naturais não ficam eliminados, mas simplesmente relativizados. O futuro conhecerá uma forma de comunhão nova e mais intensa, estabelecida pela escuta da palavra de Deus. Quem escuta faz a vontade de Deus — manifestada na palavra de Jesus — e assim funda o verdadeiro “parentesco”, a comunhão com Jesus.

Jesus retoma um ensinamento análogo agora, em resposta e complementação às palavras lançadas pela mulher do meio da multidão. Maria, sua mãe, recebe uma dupla exaltação. A primeira é de ser a genitora de Jesus, como a mulher expressou com suas palavras, não desprezadas pelo próprio Jesus. A segunda é aquela que Jesus, com nova orientação, iluminou. Lucas não se esqueceu do que disse em 1,42.45.48, onde Maria é apresentada como aquela que verdadeiramente crê, que acolhe o projeto de Deus, adere a ele prontamente, oferecendo sua generosa colaboração. Jesus, sem desprezar a honra de sua geração, recorda que vale muito mais colocar-se em atitude de escuta de Deus e de disponibilidade à sua vontade. Maria o fez mais e melhor. A ela compete de modo único e irrepetível a beatitude que Jesus reserva aos que crêem. Aquele que, como Maria, se coloca em religiosa escuta da palavra de Deus, a interioriza, fazendo-a parte operante de si mesmo, este sim é bem-aventu-

rado porque colabora ativamente com Deus, respondendo generosamente a seu apelo. A primeira bem-aventurança que encontramos no Evangelho compete a Maria, a ela dirigida pela própria Isabel porque “acreditou no cumprimento da palavra do Senhor” (Lc 1,45).

Segundo alguns estudiosos, existia uma profunda ligação entre “leite” e “palavra”, assim que a resposta de Jesus resultaria ainda mais próxima da exclamação da mulher. No tardio judaísmo, ainda pré-cristão, o leite tornou-se um dos símbolos aplicados à “palavra de Deus”. Testemunham isso diversos textos como Targum, 8,1; Midrash Sl 131,1; cf. para o Novo Testamento 1Pd 1,25; 2,2. A resposta de Jesus de fato parece jogar com a ambivalência do termo “leite”. Enquanto a mulher do meio da multidão alude ao leite material de Maria, Jesus alude ao leite espiritual, figura da palavra de Deus. Jesus parece dizer: “Minha mãe é feliz não tanto por haver-me alimentado com seu leite, mas antes porque foi alimentada com aquele leite místico que é a palavra de Deus”. Nesta linha Santo Agostinho comenta: “Foi para Maria maior dignidade e maior felicidade ter sido discípula de Cristo do que ter sido mãe de Cristo”. Certamente duas dignidades, ambas fontes de felicidade, mas o ser discípula mediante o acolhimento da palavra de Deus e sua atuação lhe merece mais beatitude que o simples fato generativo.

A novidade

A voz da mulher no meio do povo reflete talvez uma mentalidade fácil de encontrar-se também entre os cristãos; o não ter conhecido Jesus pessoalmente e o não ter estado perto dele podiam ter dado chance a estereis nostalgias. Não faltavam talvez ainda, no tempo da comunidade primitiva, aqueles que invejavam a sorte reservada aos parentes de Jesus, particularmente à mãe e, no entanto, pensando no impossível, esque-

ciam o possível, ou seja, o empenho cotidiano de fidelidade ao Evangelho.

O evangelista Lucas, presenteando-nos com esse pequeno quadro, aproveitou a ocasião para honrar a mãe de Jesus e ao mesmo tempo para localizar onde está a verdadeira grandeza. As parábolas de Jesus contêm uma verdade revolucionária. Ficando nas palavras da mulher, a bem-aventurança contém uma exclusividade feminina, enquanto ligada à maternidade. Todos os homens poderiam ser inexoravelmente excluídos. Modificando e corrigindo aquelas palavras, Jesus derruba as fronteiras levantadas pela natureza, aboliu distinções e limitações, reportando tudo a Deus. A bem-aventurança atinge Maria, a fiel discípula do Cristo. Antes dela Jesus mesmo é o destinatário privilegiado da bem-aventurança, porque ninguém como ele foi visto de plena vontade em consonância com o Pai, realizando sempre e complacentemente a sua vontade (cf. Lc 22,42). De Cristo para a Mãe, dela para todos os que crêem, independentemente do sexo, da condição social e econômica, a bem-aventurança atinge a todos. Maria não se diferencia dos irmãos cristãos por privilégios ou por gratificações imerecidas, mas por sua fidelidade à palavra de Deus. Todos podem parecer-se com ela e receber o seu elogio. A maternidade nova é gerar Cristo para o mundo. Isso é possível a todos.

Do texto à vida

1. Como participei e participo na renovação de nosso tempo no que diz respeito às mulheres? Estranho ou olho com interesse? O que fiz e o que faço?
2. Sou capaz de distinguir o grão do joio, valorizando casos e situações para promover o que é positivo, para rejeitar e eventualmente remover o que é negativo? Que coisa considero de

valor e, portanto, merecedora de atenção e que coisa, ao contrário, de pouca ou nenhuma conta?

3. Se sou mulher, que faço para promover o homem a uma compreensão cada vez mais verdadeira e autêntica do “planeta mulher”? Estou na linha do Evangelho? Onde e com quem posso fazer mais e melhor?
4. Se sou homem, que contribuição dou à autêntica reabilitação da mulher? O meu falar e o meu agir são um bom tijolo que coloco cada dia para o novo edifício de justiça, de estima, de respeito, de apreciação, em suma, de verdadeiro amor às mulheres? De que posso estar contente? De que coisa a minha consciência me acusará? Poderei dizer de mim que sou verdadeiro discípulo de Jesus?
5. Imprensa, TV, cultura dominante, que imagem oferecemos da realidade feminina? São sempre aceitáveis para quem quer viver o ensinamento de Jesus? Por quê? De que lado estou?